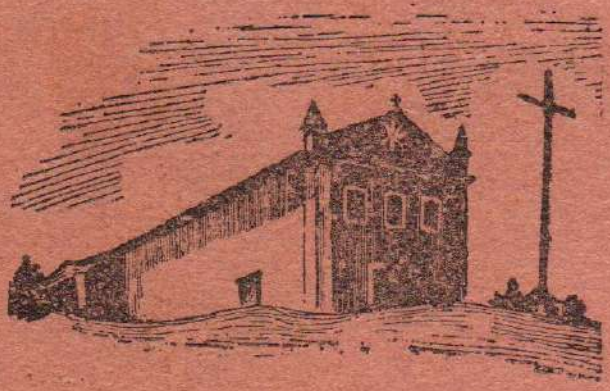
JOSÉ GONÇALVES DE SOUSA

MARIA DA CRUZ



MOVIMENTO EDITORIAL PANORAMA

JOSÉ GONÇALVES DE SOUSA

MARIA DA CRUZ

(POSTAIS)

PREFÁCIO DE JOÃO DORNAS FILHO

MOVIMENTO EDITÔRIAL PANORAMA

À indelével memória

de meus avós:

Pedro Lopes dos Reis
Atanásio Gonçalves de Sousa
Maria Lopes dos Reis

de meus pais:

Jorge Gonçalves de Sousa
Marcelina Lopes dos Reis

E de Pedro, meu irmão.

AMA, COM FÊ E ORGULHO, A TERRA EM QUE NASCESTE

OLAVO BILAC

PREFÁCIO

O poeta José Gonçalves de Sousa, da Academia Belorizontina de Letras, anda indubitàvelmente no bom caminho quando dirige a sua sensibilidade para o rico temário da reminiscência e do folclore, principalmente o folclore do nordeste de Minas, virgem quase da mão do pesquisador cá do sul.

"Postais" é um livro de versos e também um depoimento da alma sensível e namorada do expatriado, onde recolhe a lembrança e a saudade do pequeno burgo, cheio de melancolia e de história, que guarda o nome de Maria da Cruz, a extraordinária mulher que encheu os fastos coloniais do norte de Minas com a sua espartana energia.

Preferindo o metro livre e plástico do verso moderno, o poeta consegue imprimir nos seus poemas um tom fácil e correntio de água em declive. E mais que tudo, excelente pintor que é, consegue nos transmitir nesses "pastéis" de largas espátulas alguns quadros de vivo realismo, onde circula um ar puro e generoso de matos e pomares.

Que fôrça bucólica não agita e domina os quadros como Maria da Cruz, cuja igreja

"Dizem que saiu do fundo do sertão
para ver o rio e, cansada, parou ali..."

Ou

"Maria da Cruz dorme muito, mas acorda cedo.
De manhã, canta com as lavadeiras,
batendo roupa nas pedras.
À noite, dança o batuque e o São Gonçalo.
Depois, esgotada, descansa..."

Mas, o que mais valoriza os poemas de José Gonçalves de Sousa são os apontamentos etnográficos que recheiam os seus versos largos e preguiçosos como as águas do São Francisco.

Jogando com extraordinária perícia a reminiscência e o documento folclórico, realiza êle uma obra de grande interêsse cultural quando recolhe as lendas, as cantigas, as superstições e as festas características da localidade de Maria da Cruz, êsse velho teatro onde se representaram dramas da colonização, com o traço típico da região de pastoreio, como a lenda do Romãozinho e dos vaqueiros, que vêm a deshoras abrir a porteira dos currais, ou o tesouro enterrado ao pé do juazeiro, cujo dono, para indicá-lo, só pede doze missas para descanso da sua alma em penas no Purgatório...

Como documento social, de vida e convívio da população de tão humildes costumes, nos pinta o poeta quadros excelentes quando nos fala de entrudo e das

"Laranjinhas de cheiro,
feitas de cera
em fôrmas de mamão".

"Os mergulhos forçados à meia-noite no rio..."

Os

"Donzelos de mandrião,
pedindo licença aos pais para fazer a barba."

Ou

"Os casadinhos
saiam depois da igreja
sob enorme guarda-sol..."

. *Quero salientar um fato nestas ligeiras palavras de apresentação do poeta, que traz nas mãos um punhado de aquarelas inesquecíveis. E' o de que o caminho aberto por Manuel Ambrózio no campo do populário do norte de Minas, não ficou abandonado pela sua morte. De dentro das fileiras da nossa Polícia Militar saem dois moços de merecida estima intelectual — Os tenentes Saul Martins e José Gonçalves de Sousa — que com inteligência, compreensão e sensibilidade retomam a estrada que tão diligentemente palmilhou o velho estudioso, a quem Januária só pagaria o tributo da gratidão editando a sua obra inédita e numerosa.*

Belo Horizonte — 1949

João Dornas Filho

MARIA DA CRUZ

Maria da Cruz fica à beira do São Francisco.
Pouca gente, poucas casas.
No alto, a igreja velha e bonita.
Duas tôrres pequenas e a cruz no meio.
Dizem que saíu do fundo do sertão para
ver o rio e, cansada, parou ali.
As ruas, tortas e descalçadas, sobem as
ladeiras com sol quente.
A rua do Fogo tem um cruzeiro no fim.
A do Telégrafo tem um pé de mulungu.
A da Catinguinha não cheira bem.
Mas, a pior rua, é a rua Direita.
As barrocas escancaram as bôcas
querendo engulir tudo.
E' uma doença da terra.
O cemitério, mais longe, cercado de achas de
[aroeira
As sepulturas não têm número nem nomes.
Pra quê?
Quase não morre ninguém.
As árvores, verdes e compassivas, estendem
no chão a esteira das sombras.

. *Quero salientar um fato nestas ligeiras palavras de apresentação do poeta, que traz nas mãos um punhado de aquarelas inesquecíveis. E' o de que o caminho aberto por Manuel Ambrózio no campo do populário do norte de Minas, não ficou abandonado pela sua morte. De dentro das fileiras da nossa Polícia Militar saem dois moços de merecida estima intelectual — Os tenentes Saul Martins e José Gonçalves de Sousa — que com inteligência, compreensão e sensibilidade retomam a estrada que tão diligentemente palmilhou o velho estudioso, a quem Januária só pagaria o tributo da gratidão editando a sua obra inédita e numerosa.*

Belo Horizonte — 1949

João Dornas Filho

MARIA DA CRUZ

Maria da Cruz fica à beira do São Francisco.
Pouca gente, poucas casas.
No alto, a igreja velha e bonita.
Duas tôrres pequenas e a cruz no meio.
Dizem que saíu do fundo do sertão para
ver o rio e, cansada, parou ali.
As ruas, tortas e descalçadas, sobem as
ladeiras com sol quente.
A rua do Fogo tem um cruzeiro no fim.
A do Telégrafo tem um pé de mulungu.
A da Catinguinha não cheira bem.
Mas, a pior rua, é a rua Direita.
As barrocas escancaram as bôcas
querendo engulir tudo.
E' uma doença da terra.
O cemitério, mais longe, cercado de achas de
[aroeira
As sepulturas não têm número nem nomes.
Pra quê?
Quase não morre ninguém.
As árvores, verdes e compassivas, estendem
no chão a esteira das sombras.

Postes telegráficos esguios, nas esquinas.
Imóveis.
Parecem fiscais.
Quando chove, a enxurrada grossa,
com uma pressa danada, carrega tudo
pro rio.
O chão esburacado escorrega.
Maria da Cruz tem mêdo do rio.
Fêz um muro de pedras à beira dágua.
De vez em quando, o São Francisco cresce,
sobe, passa por cima das pedras e
mete o peito no barranco.
Maria da Cruz não tem luz elétrica,
nem cinema.
Casas comerciais, quatro ou cinco.
Uma vez por semana, arrastando a corda
na rua, um boi em disparada.
Atrás, os vaqueiros.
Correm crianças. Batem as portas.
O boi passa...
O matadouro é perto, um tronco de pitombeira.
— Tem carne fresca amanhã!

I

A escola, em casa alugada. Os alunos
não têm livros, nem roupa, nem sapato.
Não têm nada.
Da aula pra roça, e da roça pra escola.
Homens, antes do tempo.
A professôra é moça gentil.
Ganha pouco, mas ensina muito.
No fim do ano deixa a escola.
As férias! Tempo feio em que os meninos
labutam com as enchentes e com a maleita.
Maria da Cruz tem um dia no ano:
8 de setembro.
Vem o pessoal das fazendas e arredores.
O sino, empoleirado na tôrre, dormiu meses
inteiros com a bôca pra baixo.
Acorda agora.
Depois da missa, o batisado, o casamento.
De tarde, a procissão.
Nossa Senhora, de azul, faz sua
visita do ano. Não vê nada de novo.
Regressa.

Maria da Cruz dorme muito, mas acorda cedo.
De manhã, canta com as lavadeiras,
batendo as roupas nas pedras;
à noite, dança o batuque e o São Gonçalo.
Depois, esgotada, descansa,
pobre como sempre.
Maria da Cruz não tinha êste nome, não.
Pedras — por causa das pedras.
A dona do lugar, era Maria da Cruz.
Fazendeira rica, senhora de escravos.
Um dia, foi prêsa pra Ilha das Cobras.
Por quê ?
Independente, queria a liberdade da Pátria.
Trabalhou dia e noite e chegou a
reunir gente.
Correu a notícia. Foi o bastante
e nunca mais voltou...

II

Maria da Cruz fica à beira do São Francisco.
Do lado direito, a três léguas de Januária.
As casas enfiam as cabeças entre as árvores,
doidas por aparecer.
As ruas sem placas,
e a gente não esquece o nome delas.
Os coqueiros varrem o céu, diàriamente,
por isso, é tão azul.
O carrapicho-de-carneiro segurando as saias
das crioulas,
nos becos apertados.
De manhã, mulheres mal vestidas,
e de chinelas,
descem a ladeira,
vão bater roupa.
Porque batem a roupa na pedra.
Depois daquele martírio,
a roupa está purificada,
branquinha como algodão.

Amarrada a Montes Claros, pela rodagem,
Maria da Cruz não está satisfeita, não.
Gostaria que o trem de ferro
berrasse nos seus ouvidos
de trezentos anos.
Cansada com os apitos dos vapores,
aspira coisas melhores.
E' idealista.

III

No alto, a igreja velha e bonita.
Em frente dela, o cruzeiro,
pintado de vermelho,
os braços abertos no ar,
em posição convidativa,
para abraçar todo mundo:
o prêto, o branco e o amarelo,
quem chegar primeiro;
o rico, o pobre e o remediado,
que está entre os dois.
Um abraço de boas-vindas,
de chegada. Sepulturas ao pé da cruz,
num lugar impossível.
Conforme a lenda,
a primeira igreja foi outra
— uma capela, talvez, —
que deixou, apenas,
aquelas pedras.
Seus restos mortais
formam a ilha
em que a igreja de hoje
encalhou.

Dona Maria da Cruz tinha gênio
e dinheiro também.
Mandou fazer um sobrado
no lugar mais alto do arraial
e, dizem ainda, que até um subterrâneo
mandou os escravos cavar.
Naqueles dias felizes
badalava o sino;
e a Senhora Dona Maria da Cruz
vinha pelo subterrâneo,
entre sua casa e a casa da oração,
assistir à missa
e ouvir a palavra
do padre Manuel Cardoso.
Depois, ela foi prêsa.
O subterrâneo ruiu.
O sobrado caiu.
E a igreja, também, caiu
com ela...

IV

Pouca gente, é verdade,
nos tempos de paz,
quando não há enchentes;
porque em novecentos e seis,
dezenove e vinte e seis,
Januária bateu às portas
de Maria da Cruz.
Pouca gente.
Simples e modernizada.
Antigamente era interessante:
entrudo
nas casas e nas ruas.
Laranjinhas de cheiro
feitas de cera,
em fôrma de mamão.
Os mergulhos forçados,
à meia-noite, no rio,
o diabo afinal.

Rapazes...
Rapazes não, "donzelos",
de "mandrião",
pedindo licença aos pais,
para fazer a barba
e aparar o cabelo.
E o casamento?
A noiva era escolhida
pelo pai do noivo,
que tinha de aceitar.
No dia ajustado,
faltava a roupa,
que era pedida emprestada.
Os casadinhos
saíam, depois, da igreja, sob enorme guarda-sol.
À noite, o baile. Que baile?
A cana-verde e o batuque no terreiro.
Mas isso, já vai longe...
No tempo do carrancismo,
da pataca e do vintém,
em que fio de barba
era sêlo...

O BOI DE CARRO

Chamava-se Melado, o velho boi de carro,
levou a vida quase tôda
carregando canas para o Engenho-Novo,
lá na fazenda do pé da serra.
A princípio não gostava daquilo,
foi preciso muita aguilhoada e paciência
para o boi amansar.
Mas amansou,
e ficou, até, gostando do carreiro.
Agora, não prestava mais para nada.
Também, pudera ! quinze anos de serviços
não é para qualquer um.
Aposentado,
sem nenhum vencimento.
Expulso da manga e do curral,
rondava as vizinhanças da fazenda,
inteiramente à toa.
Não gostava disso. Estava acostumado
a trabalhar.

Não podia ver o carro,
principalmente descendo a ladeira à tarde.
Se pudesse, voltaria de novo.
Podiam encher o carro até em cima.
Podiam furá-lo sem piedade.
Podiam até matá-lo.
Ah ! se morresse,
ficaria livre dêsse mundo mau.
Desfigurado. Pesava-lhe a cabeça.
Os chifres até cresceram mais.
Antigamente comia de tudo.
Agora, sòmente, a relva tenra,
é que podia comer.
À noite, vinha para o curral,
mas não entrava,
amanhecia no pátio da fazenda.
Ninguém lhe passava a mão
como outrora passava.
Nem o vaqueiro, tão seu amigo,
lhe dava mais o sal.

Os outros bois fugiam dêle.
Seria mêdo?
Mêdo de quê ?
E quando algum novilho
saía-lhe ao encontro,
era para torturá-lo
na ponta aguda dos chifres.
Porém, não guardava rancor.
Sabia que a mocidade de hoje
é mal educada e atrevida.
Tinha uma bicheira,
sòmente as môscas importunas
tinham conhecimento dela.
Por isso, mancava.
De tanto passar a língua,
a bôca virara
uma ferida também.
Aftosa de que não se tratou.
Dias depois, não apareceu no pátio,
à hora do recolher.
Ninguém deu por isso.
Mas urubus
indicaram o destino do boi.
Estava morto.
Tiraram-lhe o couro.
A carne ficou lá. Um mês depois, o couro
sêco cobria o carro,
que descia carregado para a cidade,
debaixo de chuva torrencial.

AS CASAS

Poucas casas e poucas ruas.
A Catinguinha só tem cafuas.
E a rua das Flôres, nem uma flor.
E os caminhos ?
Caminho da Linha,
caminho da Vargem,
a Vargem — piscina de Maria da Cruz.
O "Largo" macio de malvas,
onde não se joga futebol.
Cêrcas de bambu
fecham quintais.
Agora, as casas principais:
a de seu Adão, amarela.
Será que sofreu sezão?
Cinzenta, a do finado Jorge,
com janelas azuis.
Na rua do Fogo,
melhor a de Maximiliano Pereira.
Brandão tem residência boa.
Mora, porém, no Brejinho.
Brejinho e Palmeirinha,
subúrbios de Maria da Cruz.
Cadê a escola?
Onde está o correio?
E o telégrafo nacional ?

O CEMITÉRIO

Entre Maria da Cruz e o Jatobá,
nos terrenos de Adão Pacheco,
o cemitério.
Ciprestes ... qual nada !
A carne-de-vaca,
árvore lá do sertão,
derrama o óleo negro da sombra,
no chão.
Grinaldas de melão-de-São Caetano
nas sepulturas.
Carrapichos, "algodão-de-seda", cansanção.
A "zabumba", que é uma trombeta,
tocando o silêncio da morte,
abre-se por tôda parte.
Há uma ausência completa
do mármore.
Mas não é difícil
a cobra.

No caminho,
um imbuzeiro aberto
como guarda-sol.
Última parada
para quem vem com a rêde.
Pára-se também para trocar
as pessoas que seguram as alças
do caixão.
Por isso, é respeitado. Ninguém lhe tira os frutos.
Maria da Cruz tem mais quatro cemitérios.
Cemitérios-mirins:
ao pé do cruzeiro da rua do Fogo,
em frente à Igreja da Conceição,
no caminho da Linha,
o mais novo,
e o "círculo — da — Carneira."
Não precisava tanto,
onde há tão pouca gente
e quase não morre ninguém.

8 DE SETEMBRO

Maria da Cruz tem um dia no ano:
8 de setembro.
Acorda mais cedo,
alvoroçada com os foguetes
e com os "dobrados" da "Euterpe" de Januária,
ou da "Lira", tudo depende
da política do festeiro.
Maria da Cruz abre seu guarda-roupa,
fechado o ano inteiro
e surgem vestidos de tôda côr.
De chita, de sêda e de algodão.
As "catrumanas", mulheres singelas,
dos Gerais de São Felipe,
trazem lenços coloridos à cabeça.
As casas mudaram também de roupa,
foram pintadas.
Cavalos e cavaleiros.
As ruas molhadas e calçadas
com fôlhas de laranjeira,
por onde vai passar a procissão.

Colchas vermelhas e azuis
caindo das janelas.
Velas ardendo em gargalos de garrafas.
E nas tendas e barracas
os mascates exploram o povo,
com o víspora e o bozó,
o vinte-e-um e a rifa.
Quem acertar, leva
um par de brinco,
um vidrinho de cheiro,
para presente.
De vez em quando, um foguete
sobe, explode lá em cima.
Os armazéns vendem muito,
mas os botequins vendem muito mais.
A sanfona, nas esquinas,
dá a impressão de uma gibóia,
desenroscando-se tôda,
nas mãos do tocador.
E o moleque sai gritando :
Olha o doce de leite ! ...
olha o cuscus ! ...
O cuscus é o pão de cada dia
de Maria da Cruz.

A TRAVESSIA

Um mugido distante
rompe o silêncio da tarde.
Maria da Cruz corre à praia
para assistir à travessia do gado,
do outro lado.
Marruás que nunca foram laçados,
touros que nunca viram o rio,
vêm de longe,
dos sertões de Goiaz
para as campinas de Minas.
Fustigados pela aguilhada,
aos gritos dos vaqueiros
e latidos dos cães,
entram êles, à fôrça, no "corredor".

E batendo-se e ferindo-se,
caem na corrente fria do São Francisco.
Os chifres, como galhadas
de árvore, que viesse do fundo do rio,
sobrenadam à flor das águas.
As canoas comboiam o cadame.
E os canoeiros, responsáveis pelo serviço,
batem os remos
e cantam:
"O' que triste vida
passa o boiadêro,
trabaiano tanto
sem ganhá dinhêro.

Ó que triste vida,
ó que sorte amarga;
eu trabaio mais
qui um burro de carga.

Ó que triste vida,
ó que triste sorte,
trabaiano tanto
té qui vem a morte."

Um zebu indomável,
de repente, virou a canoa
e o fazendeiro salvou-se,
agarrado a um boi de carro.
Mas o outro, justamente o boiadeiro,
desapareceu.
Vaqueiros de Maria da Cruz
recebem a boiada que salta em terra.
Contam-se. Faltam seis garrotes.
Os mesmos que vinham atrazando a marcha,
durante a viagem.
Indiferente, como se não tivesse culpa de nada,
móvel sepultura líquida
dos homens e dos animais,
o rio rola vagaroso e manso.

CAMPO - SANTO

O cemitério parece que morreu.
As sepulturas cheias de mato.
Ossos espalhados. Restos de madeira apodrecendo.
O cruzeiro sem braços, visto de longe, é uma
lança imensa espetando o céu.
O muro caiu.
Do portão negro, restam sòmente as dobradiças
enferrujadas.
A grama humilde, com vergonha dos homens,
tapou os buracos e acertou o terreno.
Animais pastam tranqüilos,
pisando as cruzes no chão.
Ninguém...

Nem um túmulo de mármore.
Nem um nome, nem uma data.
Também, para quê ?
Por fora tão vazio, tão habitado por dentro.
Sòzinho ...
Antigamente recebia visitas.
Finados, um dia de festas.
Moças e rapazes. Coroas.
Flôres em profusão.
Tudo se foi...
O dia custa a passar. A noite é melhor,
mas não dorme.
Fica acordado, lembrando os dias de glória.
E vê com saudades
um entêrro florido de criança.
Tão pequeno,
tão bonito,
o menino sonha ...
Para que sete palmos
— para enterrar uma flor?
Agora, rêde comprida e abaulada,
um homem feio e inchado nela.
Pauca gente.
Muitas lágrimas.

Ao longe, subindo a ladeira,
seis cavalos brancos.
O esquife branco.
E a morta, vestida de branco.
Noite...
Círios acesos na baixada.
Passos vagarosos e pesados.
Quatro homens seguram as alças
do caixão prêto com galão amarelo.
Quem será?
Os coveiros aprontam as cordas.
Chôro.
A terra caindo com pancada fôfa,
pluf, pluf,
sem piedade.
Depois, um monte isolado
com velas plantadas ardendo.
Acabou-se...

O UMBUZEIRO

Lá longe, nos extremos da Capivara,
o velho umbu abre sua copa enorme.
"E' a árvore sagrada do sertão".
Última daqueles arredores.
Única, que foi respeitada pelo raio.
Está alí, à espera de alguém,
para lhe dar repouso, alimentação e sombra.
Vasto e corpulento, abriga nas horas caniculares
o gado da redondeza.
A' noite, é o pouso dos pássaros-pretos e azulões.
De vez em quando, o São Francisco sente
[saudades dêle.

E então o rio incha, aumenta suas águas.
E correndo fora do leito, vai beijar
o tronco anoso e firme.
Apesar da idade avançada,
enflora-se todo ano.

Fica bonito, mais moço, com as borboletas
na fronde, abrindo e fechando as asas,
como lacinhos de fitas multicores.
Carrega-se depois de frutos ácidos e saborosos.
De todos que passam, recebe demorada visita.
Em junho despe-se...
justamente quando precisava de agasalho;
fica sem uma fôlha, deixa passar a luz do sol.
E' um esqueleto de árvore. Mas não está
[abandonado.
Mora no tronco, carcomido e sêco, uma colmeia
[de jataí.
E o umbuzeiro sente-se feliz, apesar de não ter
[nada,
com as abelhas de ouro fervendo no peito
e o coração transbordando de mel...

O NINHO ABANDONADO

O umbuzeiro tem um ninho abandonado,
[há dias.
Cofre vazio, sem tampa, que não terá mais nada.
A árvore guarda, nos ouvidos ainda,
o canto da despedida que escutou
da avezinha que se foi embora,
para nunca mais voltar.
Guarda também as penugens
agarradas ao ninho.
Jamais pensou que doesse tanto
a separação.
Esperou dias seguidos
que arrependidas voltassem.
Até julgou que ficasse, ao menos, uma
das três que partiram
para não regressar.

Lembra-se a tôda hora,
do primeiro galhinho
que a ave trouxe
no bico côr-de-rosa.
Lembra-se, também,
do primeiro piado
do filhote que nasceu primeiro.
Lembra-se de tudo... E agora, naquela rama
[verdejante,
o ninho é um ôlho aberto, sem pupila,
que não pode nem chorar. Durante o dia, corre
[a vista em tôrno,
sem temer ninguém.
O ninho está no alto,
bem escondido.
À noite, fecha os olhos verdes
e adormece.

Seu mêdo é quando
chegar o outono,
quando não tiver
uma fôlha só.
E então, olhos curiosos e maus
verão, com certeza,
aquela casinha,
tão leve nos seus braços,
onde moraram três pequeninos sêres,
por tão pouco.
Que tempo aquêle! ...
Esquecido, com a música...
Esquecido, com a música,
que escorria lá de cima,
não percebeu quando lhe tiraram
os frutos saborosos.
Nem quando o gado
lhe comeu as fôlhas azêdas.
Nem tão pouco, quando lhe arrancaram
do tronco
o mel de jataí.
Alheio, indiferente a tudo,
como alguém que, enamorado,
não visse nada, senão a bem amada,
nada sentisse, senão o seu amor.

AS LENDAS

Maria da Cruz fêz um muro de pedras...
Debaixo da pedra e no fundo do rio
mora o Caboclo dágua,
compadre Cabrinha,
amigo do pescador, que lhe dá cachaça e fumo.
Maria da Cruz acredita em coisas impossíveis:
o bicho-homem
com pé de garrafa;
e nas sextas-feiras da quaresma,
o lobisomem;
a mula-sem-cabeça,
com estrêla na testa,
fazendo das suas.
Agora, quem quiser ficar rico,
é só fazer parte co cão.
Cão é o demônio.

Dona Maria da Cruz
mandou os escravos carrear domingo
e êles não foram à missa,
nem escutaram o sermão.
Por isso, aconteceu aquilo.
Carro, bois e guieiro
precipitaram-se no rio,
sem que se pudesse ter mão.
De vez em quando, nas noites de luar,
o carro aparece cantando
à flor das águas.
O guieiro na frente
e os bois atrás.

AS SUPERSTIÇÕES

Maria da Cruz é supersticiosa
como ninguém.
Para quem se levantar,
pela manhã,
com o pé esquerdo, tudo estará perdido
naquele dia.
Se vestir a roupa pelo avêsso,
a sorte ficará invertida.
Ao varrer a casa, não se lança o cisco
fora pela porta da rua.
Expulsaria a felicidade.
Andar de costas faz mal.
Morre o pai ou a mãe.
Acontece a mesma coisa,
se deixar emborcado
o chinelo.

Em dia treze, não se viaja.
Nem também
na primeira
sexta-feira de agôsto.
Cachorro que uiva fora de hora,
mau agouro,
para o dono.
Se a cauã gargalhar de dia,
morre gente, na certa,
em Maria da Cruz.
A mulher que tiver
seguidamente sete filhos varões,
é infeliz.
O último, na quaresma,
vira lobisomem.
Na primeira dentição,
o dente, arrancado à linha,
é arremessado
no telhado da casa,
onde mora a criança,
que tem de dizer:
"Mourão, mourão, toma teu dente podre
e dá cá o meu, são".

O VAPOR

Um ponto escuro na linha do horizonte,
lá vem o vapor.
Maria da Cruz desce as barrancas
do São Francisco,
com as frutas para vender:
melancia, laranja, goiaba e mamão.
O cego pede esmola
e o aleijado também.
"Ô êsse minino,
me dá uma nica de serria,
pra mode comprá uma peixa!..."
O rapazinho deixou a mãe chorando,
parte para São Paulo.

Em dia treze, não se viaja.
Nem também
na primeira
sexta-feira de agôsto.
Cachorro que uiva fora de hora,
mau agouro,
para o dono.
Se a cauã gargalhar de dia,
morre gente, na certa,
em Maria da Cruz.
A mulher que tiver
seguidamente sete filhos varões,
é infeliz.
O último, na quaresma,
vira lobisomem.
Na primeira dentição,
o dente, arrancado à linha,
é arremessado
no telhado da casa,
onde mora a criança,
que tem de dizer:
"Mourão, mourão, toma teu dente podre
e dá cá o meu, são".

O VAPOR

Um ponto escuro na linha do horizonte,
lá vem o vapor.
Maria da Cruz desce as barrancas
do São Francisco,
com as frutas para vender:
melancia, laranja, goiaba e mamão.
O cego pede esmola
e o aleijado também.
"Ô êsse minino,
me dá uma nica de serria,
pra mode comprá uma peixa!..."
O rapazinho deixou a mãe chorando,
parte para São Paulo.

Carros de boi gemendo nas ladeiras,
com a mamona, o milho e o algodão.
Três apitos roucos
anunciam a chegada da fera,
que fica ao pôrto amarrada,
devorando tudo que está na praia.
Depois, saciada, vai-se embora.
Antes, porém, dá três apitos
de agradecimento.
Maria da Cruz volta para casa,
satisfeita e feliz.
Recebeu cartas, sal de Aracaju, querosene
e côco da Bahia.

A ESCOLA ANTIGA

Sete horas da manhã.
O sol entra pela janela da escola
para estudar.
Rapazes nos bancos de madeira
com livros na mão.
Carta de abecê e taboada.
Calixto saiu cedo do Alto-Grande,
onde mora.
Minervino veio a pé, da Palmeirinha,
com três irmãos.
Entre as duas salas, a porta.
E assentada na banquinha,
a mestra,
Dona Maria Antunes.
De um lado, os meninos.
E as meninas do outro lado.
Cada qual trouxe a "quartinha-dágua"
— uma bilha de barro —
e o copo.

Trouxe também a pedra
no baú de lata,
pintado de verde.
A professôra, paciente e amiga,
toma a lição.
Às vêzes, levanta-se,
vai ao quadro-negro
e escreve...
Pergunta, interroga, chama a atenção,
pastôra daquelas ovelhas
contra o lôbo da ignorância.
Às moças, além das letras,
ensina a costura e o bordado.
E quando no fim do ano,
o inspetor escolar
chega de Januária,
ela apresenta um a um, pelo nome,
com ternuras de mãe
e bondade de santa.
Depois dos exames,
que festa encantadora,
a mesa de doces e café
feitos pela mão que passou a conta
e escreveu o ditado.

MANHÃ

Madrugada e o búzio dos pescadores
acorda Maria da Cruz.
Curimatans espelham nas canoas
que vêm chegando.
Melancias.
Os coqueiros acordados
movem os leques.
Nas fôlhas brilha o sereno.
Muge o gado nos currais.
Um rapazinho, espigado
e apaixonado,
canta:
"O camim de tua casa
não foi eu qui afundei,
foi os cascos do meu burro,
no tempo inquiô te amei".
O vento carrega a cantiga
para espalhar nas campinas.
O Sol nasce,
saindo das águas frias
do São Francisco.

Aí, começa o dia.
Abrem as casas comerciais
as portas.
Vaqueiros passam montados.
Roda um carro silencioso,
nas ruas.
Está vazio,
vai buscar lenha
no agreste.
O céu está limpo
e azul,
mas, surgem nuvens
do fundo lá dos Gerais.
E começam elas a crescer,
a inchar.
E já se amontoam
acima do horizonte.
E correndo,
empurrando umas às outras,
machucando-se,
ferindo-se,
quase brigando,
lá vêm elas.
Isso tudo por quê ?
Para ver o rio,
e, à beira do rio, Maria da Cruz.

MEIO - DIA

Meio - dia.
As canjeranas abatidas e cansadas
deixam cair as fôlhas.
Cacarejos de galinha nos quintais.
O São Francisco nem parece rio.
E, à sombra das casas, a meninada
brinca com ossos e constrói currais.
Bilros estalam nas mãos
das velhas fazendo rendas.
Vem de longe o grito do vaqueiro,
e os insetos chiam nos capinzais.
Os armazéns e botequins vazios.
A carneirada pensativa
rumina debaixo dos coqueiros.
À frente do açougue e na rua
a carne de vaca seca nos varais.
Poeira. A tropa está chegando.
A vargem — um olho azul-parado,
fitando os céus.
E as lavadeiras, que de manhã cantavam,
a essa hora, já não cantam mais.

NOITE

Maria da Cruz acabou de jantar.
No interior, a lâmpada de azeite
anda de um lado para outro,
como se fôsse o ôlho da casa,
em movimento.
Lá fora, a esteira de carnaúba,
onde a velhinha vai contar a história
do rei e da rainha,
que morreram de fome,
da gata borralheira que teve sorte,
de Pedro Malasarte endiabrado
e sem igual.
Para pequenos.
Porque as moças, de mãos dadas,
brincam de roda:
"O' minha caninha verde,
ó minha verde caninha,
eu nun vô na sua casa
pra você nun vim na minha".

E a viola,
violino do sertão,
estalando nas pontas de rua,
debaixo da janela.
"Cond' eu morrê, cês m'interra
no mei do chapadão.
Deixa meu braço de fora
pra tocá meu violão".
Tudo simples e tão primitivo ,
que a lua, do além,
tem vontade de descer
para brincar também.

O CHÔRO DOS BOIS

Escureceu.
A pitombeira
fecha os olhos macios, de fôlha verde,
para dormir.
Mas não dorme.
E agora escuta
um rumor de passo pesado,
que vem se aproximando.
São os bois de carro,
que trabalharam o dia inteiro.
E vêm, um atrás do outro,
processionalmente,
sem um mugido,
procurar aquela árvore,
para êles sinistra,
onde, amarrada,
é a rês, à tarde,
sangrada.

Chegam. Rodeiam o tronco
da maldita pitombeira.
Abaixam as cabeças, cheirando e escar-
[vando
a terra úmida de sangue.
Aí, começa o chôro,
alto e prolongado,
das alimárias dentro da noite.
E aquêle berro, inconfundível e triste,
fantástico e doloroso,
assombra Maria da Cruz.

O REIS - DE - CAIXA

Calças arregaçadas.
Descalço e batendo a caixa,
"Santo-Reis".
De porta em porta, a folia.
Quem não tiver dinheiro,
não precisa não.
Dá o que puder:
ovos, frangos, leitão.
"Deus lhe pague sua esmola
dada de boa vontade..."
O chão estremece com os sapateados.
Palmas arrebentam no ar.
De noite, o "reis-do-boi",
e da "mulinha-de-ouro",
que é ouro só.

A folia visitou a igreja,
logo que chegou.
"Aqui mora o cravo santo
e a hóstia consagrada..."
O presépio armado no canto da sala.
De dia, a folia
estêve aí,
porém, não dançou.
As pastôras também vieram
prestar sua homenagem:
"Caminhemo, caminhemo
pra lapinha de Belém,
visitá o Deus minino,
qui sarvá o mundo vem."
Tarde da noite, ainda se escuta a caixa ...
O coração de Maria da Cruz está batendo.

O REIS - DO - BOI

O vaqueiro saltou do cavalo
e gritou: — ô de casa!
O fazendeiro sorridente,
abriu a porta e respondeu:
— ô de fora!
E comprou o "boi",
que o moço vinha vender.
Também, por aquela quantia,
quem depressa não o faria?
Minutos depois, num espaço circular,
dançava o boi baiano,
dando chifradas nos cachorros,
ao estralejar das palmas,
aos rufos dos pandeiros
e cantigas da multidão.
Era o reis-do-boi,
A delícia do sertão.

Verdes varas de bambu,
que alguém, em arco, dobrou
e a outras compridas atou,
formam o arcabouço
daquele estranho animal
vestido de cobertor,
que, de largos chifres
entrelaçados de fitas,
desafia a vaqueirada,
que lhe salta em derredor.
E êsse mesmo alguém,
que levanta o boi nas costas
e o faz dançar e pular,
sente, de repente,
um beliscão na perna.
E' a maldita onça pintada,
que lá vem o boi matar.
A "orquestra" estaca.
Pára, de súbito, a brincadeira.
E o vaqueiro corre à casa
onde fôra o boi vender,
e pergunta ao mesmo patrão
se quer a onça matar.

Êste se nega a fazê-lo.
Mas, o rapaz prontifica-se logo,
contanto que o pague.
Recebe mais dez tostões
e de lá, brada aos foliões,
que, parados, esperam por êle.
— "Pronto, minha gente,
bamo com a onça acabá".
Rompe de novo a função:

"Ai! meu boi morreu,
qui será de ti?
Manda buscá outro, maninha,
lá no Piauí."

"Ai! meu boi morreu,
qui será de mim?
Vô mandá vê ôto, minina,
lá no Bom Jardim".

"Ai! meu boi morreu,
qui será da vaca?
Cachaça com limão
é bom pra urucubaca."

Pum, pum, pum, mataram a onça
com a espingarda de dois canos.

Quatro caçadores arrancam das facas
para tirar o couro do bichão,
que está escornado
no chão.
Enquanto isto, enquanto o povo
está voltado para aquela operação,
montado no velho pedrês,
sai, às ocultas, o vaqueiro
e vai vender o boi a outro,
que está aguardando sua vez,
a poucos passos dali.

ELEIÇÃO

Maria da Cruz hoje vai votar.
À noite, não dormiu,
pensando no candidato.
Acordou cedo,
vestiu a roupa melhor,
passada a ferro,
e limpou os sapatos.
Não entende bem o que vai fazer.
Sabe, porém, que é preciso.
Até agora, seus eleitos
lá não foram
agradecer os votos.
O mato cresce à vontade.
Barrocas como câncer
devoram a carne da terra.
Seu lampião é a lua.
E o vento, a vassoura
que varre as ruas.

Vota nas eleições,
por votar,
sem o entusiasmo
anterior.
Mas, se alguém tapasse as grotas,
colocasse nas esquinas o poste de luz
e cuidasse da pobrezinha,
Maria da Cruz votaria nesse alguém:
para prefeito municipal;
para governador do Estado;
para presidente da República.

ELEIÇÃO

Maria da Cruz hoje vai votar.
À noite, não dormiu,
pensando no candidato.
Acordou cedo,
vestiu a roupa melhor,
passada a ferro,
e limpou os sapatos.
Não entende bem o que vai fazer.
Sabe, porém, que é preciso.
Até agora, seus eleitos
lá não foram
agradecer os votos.
O mato cresce à vontade.
Barrocas como câncer
devoram a carne da terra.
Seu lampião é a lua.
E o vento, a vassoura
que varre as ruas.

Vota nas eleições,
por votar,
sem o entusiasmo
anterior.
Mas, se alguém tapasse as grotas,
colocasse nas esquinas o poste de luz
e cuidasse da pobrezinha,
Maria da Cruz votaria nesse alguém:
para prefeito municipal;
para governador do Estado;
para presidente da República.

A MORTE DO LAVRADOR

Uma fogueira acesa
em frente à casa pobre.
Não é São João,
Não é São Pedro,
pois estamos em abril.
Alguém, por certo, morreu
naquela habitação.
Deitado no mesmo catre,
onde sofreu meses a fio,
dorme o trabalhador.
Os filhos em derredor
chorando.
A espôsa foi a primeira
a deixar aquêle lar
para sempre.

Daqui a pouco, virão as mulheres
da vizinhança
fazer quarto.
Para a noite, não falta nada.
Perto do copo, a cachaça,
os biscoitos e o café.
Depois as rezas cantadas,
até o amanhecer.
"Eivem a barra do dia clareano
por cima das montanha acordada.
São Migué já tá pesano a arma
daquele que morreu de madrugada"...

Agora a enxada vai descansar um pouco
e o machado também.

POMPIÊ - POMPIÁ

Era uma vez um caçador,
dizia a velha Calu,
que não conseguia trazer
nenhuma caça do mato.
Por isso, passava fome
com os filhinhos e a mulher.
Um dia, desesperado,
sexta-feira da paixão,
tomou a espingarda e partiu.
Antes, jurou que não ficaria
sem comer naquele dia,
e até, se preciso fôsse,
o capeta mataria.
Horas depois, já cansado,
desiludido da vida,
e pensando em regressar,
eis que salta, de repente,
um bicho na sua frente,
que parou na encruzilhada...
O caçador não cochilou,
fez pontaria e acertou.

E voltou pra casa, alegre,
com sua vítima nas costas.
Mas, quando foi tirar o couro,
ouviu espantado essa voz:
"Não me corta agora, não,
Pompiê,
deixa eu cantar primeiro,
Pompiá.
Agora sim, Pompiê,
você pode me cortar,
Pompiá".
Coisa horrível, de assombrar.
Calu, porém, afirmava
que o homem não tinha mêdo,
era duro como ninguém.
E quando puseram no fogo
o bicho pra cozinhar,
êle tornou a gritar:
— "Não me cozinha agora, não,
Pompiê,
Deixa eu cantar primeiro,
Pompiá.
Agora sim, Pompiê,

você pode me cozinhar,
Pompiá".
Afinal, o homem teimoso
fêz farofa de sua caça,
que ainda pôde falar:
— "Não me come agora, não,
Pompiê,
deixa eu cantar primeiro,
Pompiá.
Agora, sim, Pompiê,
você pode me comer,
Pompiá".
E a meninada vadia,
que rodeava Calu,
medrosa pergunta, interroga,
quer saber o fim da história
do valente caçador.
Tarde da noite, torna a velha,
assentada à sua porta,
tarde da noite, o caçador
salta da cama assustado,
com o bicho dentro berrando:

— "Quero sair, quero sair".
— "Pois que sai pela bôca".
— "Aí, não; você me morde".
— "Quero sair, quero sair".
— "Então sai pros ouvidos".
— "Aí, não; é apertado e tem cera".
— "Quero sair, quero sair".
— "Sai logo pro nariz".
— "Aí, não; eu me sujo todo".
— "Quero sair, quero sair".
Aqui, o homem impaciente,
respondeu aborrecido:
— "Sai por onde quiser
e vai pro inferno depois".
Ah! meus pobres meninos,
pra que êle falou assim?
Exclamou Calu sentida.
A barriga dêle foi crescendo,
foi crescendo... foi crescendo...
foi ficando dêste tamanho,
até que arrebentou,
e a nossa história acabou.

SEXTA - FEIRA DA PAIXÃO

Sexta-feira da Paixão.
Tudo parado.
O vapor não apita.
A descaroçadeira de algodão,
também não.
A igreja aberta o dia todo.
Os santos, vestidos de roxo,
nos nichos vazios de flôres.
O comércio fechado
e vendendo fiado, às escondidas.
Dinheiro é traição.
As crianças ficaram sem leite,
nesse dia.
Leite é sangue.
Também não comem doce.
Doce é fel.

Em compensação podem *pintar o sete,*
não apanharão.
As casas estão sujas,
não foram varridas.
Nem as mulheres pentearam o cabelo.
Não se bate em animais,
nem se diz nome feio.
Quem tiver coragem,
pode tomar parte co cão,
na encruzilhada.
Maria da cruz fica até meia noite
acordada
a fim de avisar a Nossa Senhora
que Jesus ressuscitou.

A MALEITA

Maria da Cruz está doente.
Sezão.
Embrulhada o dia inteiro
no cobertor de baeta.
Já tomou purgativo:
óleo de rícino e calomelano.
De noite, o chá de limão bem quente,
para suar.
Não come.
Os ossos estão a furar-lhe a pele.
Isso é feitiço.
Mandou a camisa ao mandingueiro
do pé da serra,
mas não valeu de nada
a garrafada que chegou.

Quase não dorme
com os mosquitos.
Durante o dia, é impossível
trabalhar.
As pernas fracas.
A barriga inchada.
Os olhos doridos e pesados.
A língua saburrosa,
zonza a cabeça.
Até que lá um dia,
graças a Deus,
alguém tráz de Januária
o sulfato de quinino.

JANUÁRIA

Januária é a fina flor do São Francisco.
O dia inteiro namorando-se nas águas.
Não tem nada que fazer!
O cais, com degraus de pedra, tem duas colunas,
uma de cada lado.
Sobrados antigos espiam as casas modernas,
com desdém.
A rua da Avenida é a mais larga.
A Treze de Maio, a mais estreita.
Não tem liberdade.
Os coqueiros encalorados abanam os leques.
A padroeira da cidade é Nossa Senhora das Dôres.
A imagem antiga deu lugar à moderna,
mas, quem sai nas procissões, é a velha.
Compensação.
As igrejas eram três: a Matriz, do Rosário e a de
[Santa Cruz.
Derrubaram a do Rosário para fazer jardins.

Novenas de Santa Cruz, com músicas e foguetes.
Leilões. Moças e rapazes em tôrno das mesas.
Chanchalôs desfolhados com rolos de cera
[ardendo...
Canas compridas nas paredes do templo.
Velhas em tamboretes vendendo biscoitos e
[laranjas.
O leiloeiro como louco: "Quem dá mais? Quem
[dá mais?
Oferta faço, que mais não acho, se mais achara,
mais tomara."
Um grito sai da multidão, levantando o preço.
Aí, o homem, entusiasmado, desatina a pular:
"Toma danado, perdeu a pescada com anzol e
[chumbada.
Dou-lhe uma... dou-lhe duas... u'a maior e
[outra menor
e esta bem pequenininha..." pum, cai o martelo.

Januária é plana e baixa. Uma vazante.
O São Francisco é mau.
Quando lhe dá na cabeça, chama o Pandeiros
e fazem o plano de ataque.
O São Francisco entra pelos flancos,
o Pandeiros, pelas costas.
Uma traição.
A água inunda os becos sossegados.
Sobe mais de metro.
Canoas carregadas de gente no centro da cidade.
O povo foge para os Poções e cemitério.
A chuva caindo sem parar.
Januária é a Veneza do sertão.
Januária tinha duas políticas:
o partido da Luz e o partido do Escuro.
Opostos até no nome.

A Câmara é grande e pintada de amarelo.
Perto da cadeia.
Januária tem grupo escolar e Escola Normal.
Tem Ginásio também.
Vida parada e feliz. Nem uma fábrica
[manchando
o céu.
Nem sirenes perturbando a calma.
Apenas, de vez em quando, chega o vapor.
O cais fica cheio...
O barranqueiro não se cansa daquilo.
Gente que salta, gente que sobe.
Caras novas. Carga e descarga. Confusão.
Mas se entendem, felizmente.
A saída, a mesma coisa: três apitos. Longos como
[a viagem.
Sentidos como a saudade dos que partem, dos
[que ficam!

Januária está se enfeitando tôda. Ruas limpas e calçadas. Passeio. Cinemas e jardins.
Janeiro entra com as lapinhas e Reis. À frente [as pastôras
com lanternas coloridas.
A orquestra, logo depois. Bailes até o amanhecer.
Januária é a terra da cachaça boa. E' a "Vinte [e seis"
a melhor do mundo. Não chega para quem [quer
Januária está a par de tudo.
A Ilha do Mexerico conta-lhe, diàriamente, as [novidades.
O sobrado de dona Adelaide, em estilo colonial,
é o arquivo das recordações.
Em setembro, a cidade desaparece na fumaça.
Não vê, defronte, o morro do Chapéu.
A luz — um tôco de cigarro aceso. E' a sêca.
A praia aproveita e cresce mais. Está na hora.
Januária vinga-se do rio.
Empurra o São Francisco para longe. Aperta-o no barranco.
E' a desforra.

SÃO JOÃO

São João trouxe o frio a Maria da Cruz,
apesar das fogueiras acesas.
Parece que puseram fogo no lugarejo.
À frente das casas, um montão de lenha,
sequinha, arde estalando.
Estrondos de bombas e explosões de foguetes.
Traques, pistolões e buscapé.
Histórias contadas ao pé do fogo.
São João está dormindo,
se acordar, o mundo acaba.
As velhas colhem a arruda e a erva-de-guiné.
Adivinhações:
as moças enfiam a lâmina virgem
da faca na bananeira.
Amanhã, vai aparecer, na certa,
ao alvorecer,
o nome do bem amado,
com quem ela vai se casar.

E do fundo do terreiro:

"Son João se bem subesse
condéra o seu dia,
descia êle do céu,
cum prazê e aligria".

Mesas com pratinhos de bolos
e biscoito de polvilho.
E na chícara de louça branca
o café.
Depois,
o juramento dos dois,
que vão ser compadres.
As mãos dadas.
E entre êles,
no chão,
o tição.
"Pur Son João,
Pur Son Pedro,
Pur Son Palo,
Pur todos os Santo da Côrte do céu.
Bamo sê cumpade,
Qui Son João mandô".

SÃO PEDRO

Vinte e nove de junho: São Pedro.
As viúvas acendem a fogueira
e os que têm o nome do Santo.
Promessa.
No canto da sala, o altar.
Velas em garrafas brancas.
Rosas e bogaris.
Têrço e Salve-Rainha.
Ladaínha.
"Seu" Né é quem tira as rezas
e as mulheres respondem:
"Ora pru nóbis".
A noite lá fora ajoelhada,
de luto.
E' viúva também,
e fêz sua fogueira lá em cima,
a Via-Láctea.

Os vagalumes
incendeiam os campos.
Balões sobem altos,
são estrêlas sôltas,
desapregadas do céu.
Mestre Hilário sai inspeccionando as fogueiras,
como um general em campo de batalha,
contando em cada uma delas.
proesas de Indalécio e Antônio Dó.

DINHEIRO ENTERRADO

— Eu caio — gritou no sobrado
alma penada do outro mundo,
às doze horas da noite.
Mas o tropeiro não titubeou
e respondeu logo:
— vancê pode caí.
E de cima da casa velha,
num rombo aberto nas têlhas,
por onde esgueirava o luar,
despencou um braço comprido
que veio bater no chão.
— Eu caio — novamente berrou
a mesma medonha voz.
E o moço, à beira do fogo,
corajoso como ninguém,
tornou rápido a dizer:
— pode caí se quisé.
E caiu o outro braço.
Sucessivamente tombou em terra,
a cabeça, as pernas, um montão
de pedaços que num instante formou
um homem alto, moreno e forte.
Aí, o tropeiro levantou-se

para saudar o desconhecido
e lhe apertar a mão.
Era o dono daquela fazenda,
morto há mais de cinqüenta anos,
e que andava sofrendo
por causa do dinheiro enterrado,
lá no fundo do quintal.
Sempre que vinha alguém
hospedar no casarão,
deserto e abandonado,
o fantasma penitente aparecia,
mas, até aquêle dia
ainda não havia encontrado,
gente disposta e valente.
Deu, por isso, satisfeito,
àquele homem sem mêdo,
e pobre tocador de burro,
tôda a fortuna, ajuntada
e enterrada, ao pé do juàzeiro,
ali mesmo perto.
Pediu, sòmente, a seu salvador,
que mandasse "dizer",
para descanso da alma dêle,
doze missas no arraial
— promessa velha esquecida —
e, agradecendo, desapareceu,
mas, sem virar as costas,
que eram um braseiro vivo.

CRIME DE MORTE

Antônio Beiju acordou cedinho
e foi ao pasto pegar os bois.
Apenas quatro curraleiros:
Rosado, Sabiá, Campeão e Barroso,
que êle, logo, começou a arreiar.
Pôs as cangas nos pescoços
calejados,
e abotoou as brochas.
Enfiando a tiradeira,
amarrou as cordas,
ajudado pelo guieiro.
Untou o eixo e o cocão,
tirando azeite do chifre
pendente do fueiro.
Tomou a vara-de-ferrão
e, chamando os bois,
partiu.

Na vargem, parou o carro,
para tirar lenha.
Luís de Amâncio,
guieiro levado da breca,
que guardava, secretamente,
velha mágoa do patrão,
discutiu qualquer coisa
com Antônio Beiju,
e, rápido, estùpidamente,
enterrou a faca-cipó
na barriga do carreiro,
que não pôde se defender.
E de tarde, quando o carro
chegou a Maria da Cruz,
trazia uma carga macabra,
e não vinha como nos outros dias,
pelas ladeiras cantando,
mas gemendo, chorando.

ASSOMBRAÇÕES

O dia passou depressa. Tardia,
surge a lua no céu.
Do lado da Catinguinha,
uivos e latidos de cães.
Muito tarde e alguém, que não dormiu,
ouve distintamente, no sossêgo da noite,
tropel que vem descendo a rua Direita.
Que será isto?
E' o cavaleiro, que, no seu cavalo branco,
ronda Maria da Cruz.
Tôda a noite é assim.
Isso já faz muito tempo.
Que espírito será êste,
que não pode descansar?
Manuel Rico? Zeferino Congo?
O vento geme nas árvores
como um fantasma perdido.
Agora, dança, na sala
da casa, espectro que ninguém vê.

Dá no cachorro que dorme,
quebra a louça da cozinha,
joga pedras no telhado
e derrama água no chão.
É Romãozinho, com certeza,
aquêle menino, que um dia
foi levar ao pai, na roça,
na gamelinha, a refeição.
Antes, porém, devorou na estrada,
desobedecendo sua mãe,
a galinha que vinha frita,
deixando apenas feijão.
Devido às pragas da velha,
daquele dia em diante,
Romãozinho foi condenado
a fazer estrepolias,
vagando, sem rumo, nem fim.
E êsse alguém, pobre coitado,
que não consegue dormir,
escuta ainda, apavorado,
tristonho abôio sentido,
que vem lá dos extremos da fazenda.
São os vaqueiros abandonados,
que se acabaram no campo.
E agora, montados nos ossudos
cavalos que tiveram na vida,
vêm abrir, fora de hora,
a porteira dos currais.

A PROMESSA

O barranqueiro, doente,
"fêz premessa"
ao Senhor Bom Jesus da Lapa
e foi atendido.
Obrigou-se a depor,
a seis de agôsto,
dia do Santo,
ao pé do altar,
certa importância em dinheiro.
Sarou. Porém a vida continuou
dura, tremenda, inflexível.
O que pescava de manhã
comia de noite,
até que o prazo esgotou.
Finalmente, lá um dia,
arranjou uma quantia,
que não dando pra viagem
era a conta da promessa.
Vai, então, a sua rocinha,
colhe uma cabaça sequinha
e com a ponta da faca
arranca-lhe a tampa.

E, logo, pela abertura, escoaram
os níqueis.
Contadinhos,
direitinhos,
trocadinhos.
O barranqueiro satisfeito
tudo lacrou com cera,
e desceu o barranco,
onde não havia ninguém.
Mesmo assim, parou,
e olhou pra todo lado.
Depondo o "cofre" no chão,
fêz a sua prece apressada
ao Santo da devoção.
Depois, cauteloso
e cheio de respeito,
lançou à corrente do rio
o "registrado",
"sem valor declarado",
certo de ter cumprido a promessa
e de chegar à Lapa,
a cabaça pequenina.

A SÊCA

O sol bebeu a água das lagoas,
e dos alagadiços.
O São Francisco ficou pela metade.
Nem uma fôlha viva,
nas árvores de luto.
Nos campos abrasados
os mandacarus como candelabros
esperam as velas.
As roças de milho e de feijão
estão atrasadas.
No mercado, os cereais
sobem de preço.
Os vapores grandes,
prisioneiros
de Pirapora e Juàzeiro,
não podem navegar.

O gado, faz pena vê-lo,
os ossos esticando o pêlo,
quase não pode andar.
E' a sêca.
Tempo de fartura
para os urubus.
Maria da Cruz,
à semelhança de Nínive,
faz penitência para chover.
Molha os pés do cruzeiro
da rua do Fogo.
Depois sai a procissão.
Descalços e levando pedras
na cabeça nua,
os homens seguem "seu" Né,
que tira os benditos.
O mulherio atrás.

Todos, em pleno meio-dia,
queimando os pés na areia dos caminhos,
vão, longe,
depor a carga.
Os lamentos enternecem
os que não puderam
acompanhar o cortêjo.
Sòmente o sol não abranda
seu olhar de fogo.
O sol parece que nem escuta
aquêle chôro:
"Abre a porta, gente,
qui lá vem Jesuis.
Êle vem cansado
cum pêso da cruiz".

A MORTE DA «ESPERANÇA»

"Esperança" era uma barca bonita
e azul.
Preferiu a côr do São Francisco
ao verde do nome dela.
Nasceu no pôrto de Maria da Cruz,
onde recebeu o batismo
pela manhã.
Apesar daquela carranca de proa,
não era a "Esperança" pagã.
Isso até lhe dava mais coragem,
para galopar sôbre as ondas rebeldes.
Mais fôrça, para transportar
gêneros e mercadorias.

Viajava, dias e dias,
de Pirapora a Juàzeiro.
De quando em quando,
entrava o Paracatu.
Quanta vez, na tolda macia,
por dentro forrada de sêda,
não transportou um casal,
casadinho de novo!
Quanta vez!
Nunca, porém, carregou
gente doente,
no seu ventre sadio.
Quando ao longe, na curva do pontal,
ela aparecia,
no olhar do barranqueiro,
a esperança acendia.
E quando o rio estava zangado,
"Esperança" pulava sôbre as maretas,
com as velas abertas,
como um cavalo de asas.

Cessada a fúria das águas,
a barca marchava serena naquela campina
[líquida
e azulada.
E o pano agora, distendido,
era a bandeira da paz.
Um dia, porém, núvens escuras
taparam o rosto do firmamento.
E relâmpagos, como navalhas,
cortaram a carne do céu,
e a ferida foi tão profunda
que o céu trovejou de dor;
depois, lanhado, sentido,
o céu disparou a chorar.

"Esperança", sem esperança,
vinha calada, espinoteando,
como um ginete sem freios.
De repente, o vento,
mal-criado e barulhento,
arremessou a desgovernada barca
na ponta aguda da rocha,
que saía do fundo dágua
como um punhal de pedra.
Aí, a pobrezinha
atingida no coração,
começou a sossobrar,
aos gritos dos remeiros,
que assombrados,
escutaram três gemidos.
Três relinchos agoniados.
Era a "Esperança" perdida.
Era a "Esperança" morrendo.

A ENCHENTE

Há dias que está chovendo.
O São Francisco, sucuri gigantesca,
enguliu as ilhas e "coroas".
Cresceu, engordou, ficou cheio...
E prosseguindo no seu extermínio,
devorou as roças de milho e de feijão
dos pobres e dos ricos.
Mais por vaidade, que necessidade,
inundou as aldeias e cidades
das ribanceiras.
Foi mais longe,
desalojou os homens
e até os animais.
Agora, os paus d'arco envaidecidos
mostram às outras árvores,
pulseiras de cobras
nos braços.

O rio, como um guerreiro medieval,
carrega, nos ombros largos,
seu troféu de guerra:
cadáveres robustos de jequitibás.
As águas, barulhentas
e barrentas,
não refletem a luz dos astros.
É que, com tanta maldade,
sua consciência ficou turvada.
Orgulha-se nessas ocasiões
com o nome que lhe dão
de rio Nilo e Amazonas.
Os vapores, agora, podem navegar.
Não encalharão mais.
Na cheia...
Desce a corrente fria
o boi morto,
levando no seu bôjo apodrecido
urubus, que vão comendo a "embarcação"
[sinistra,
na viagem.

O CAVALEIRO SINISTRO

O vendeiro Manuel Calixto,
isso já faz muito tempo,
morando à beira da estrada,
justamente na encruzilhada,
não fechava a casa cedo,
por mais que lhe pedisse a mulher.
Ora, se deu que uma noite,
noite preta como carvão,
na venda não havia ninguém
e era tarde "cumo quê";
de repente, num trovão,
surge loiro cavaleiro
com uma creoula na garupa
de negra e lamacenta porca,
que punha fogo pela bôca.
O desconhecido apeou
e arrastando um rabo enorme,
que saía sob o gibão,
comprou logo cachaça,
pagando com brasa acesa
que largou sôbre o balcão.

E de pé, da porta da venda,
gritou a sua companheira,
que não quisera saltar:
— "Queres bebida, Cocota ?"
Ao que, ela respondeu :
— "Não, bebe e dá à porca".
E num estrondo danado
montou de novo e partiu.
Mas, ficou um fedor de enxôfre,
que encheu a casa tôda.
Calixto, pobre coitado,
ficou muito tempo assombrado
e não podia falar.
Então foi preciso passar a tarrafa
sôbre êle, sete vêzes,
durante sete sextas-feiras,
pra que pudesse sarar.

O ITAPIRAÇABA

O Itapiraçaba, do outro lado do rio,
não tira o ôlho de Maria da Cruz,
de sentinela.
Apesar da cabeça de pedra,
lembra-se dos primeiros tempos
e das primeiras casas,
quando Maria da Cruz
era desconhecida.
Sabe que lhe deram o nome
de Pedras de Baixo,
devido às de cima.
Mais tarde, Pedras do Padre,
por causa de Manuel Cardoso.
Parece ainda estar vendo
a chegada de Dona Maria da Cruz,
da Bahia,
e o progresso do arraial.
As escolas:
primária e de música.
As oficinas:
de ferreiro e carapinas,
e teares de algodão.

Assistiu à construção
da igreja.
Assombrou-se com aquêle sobrado,
defronte.
Certo dia...
pensou até que era festa.
Viu as Pedras cheias de gente.
Soldados à beira d'água,
soldados nas esquinas
das ruas.
E soldados de el-rei na Casa-Grande,
como era chamado,
o sobrado de Dona Maria da Cruz.
Quando amanheceu,
tudo deserto.
Nem um pescador na praia.
No pôrto, nem uma canoa.
Nem uma vela no rio.

O DESTINO DA FÔLHA

O vento arrancou a fôlha
e saiu valsando, com ela, no ar,
por cima dos arvoredos e dos vales.
Passou pela montanha e pelo rio.
A fôlha sentiu tonteira nas alturas
e teve receios de cair.
Mas, naquele dia,
o dia estava bonito,
e o vento muito disposto,
por isso, levou-a bem pra longe
de seus campos natais.
Quando a noite caiu,
a fôlha também caiu...
no chão.
Os animais pisaram nela,
coitadinha !

Chorou a noite inteirinha,
chamando a árvore-mãe,
que não veio,
nem respondeu.
Quando a lua saiu,
tudo ficou de prata.
Depois, amanheceu.
O sol, muito limpo,
sem piedade,
queimou a fôlha, o dia todo.
Ficou sequinha,
torradinha,
com as bordas viradas pra dentro,
como garra de animal,
ou mão avarenta.
À noite, não houve luar,
porque choveu.
A enxurrada grossa
carregou a fôlha
pelo vale afora.
Molhadinha,
tiritando de frio,
de repente, afogou-se
no despenhadeiro.
Ah! minha pobre fôlha sem sorte,
como você, há muita gente no mundo,
que nascendo bem, no alto da árvore da vida,
acaba depois em baixo.

A PARTIDA

O São Francisco viu tudo.
A hora que o Ministro chegou
e interrogou
Pedro Cardoso e Maria da Cruz.
Viu Cláudia Soares depor
no processo infamante.
O São Francisco viu tudo.
A soldadesca nas ruas...
Viu o mêdo e o terror
no obscuro arraial.
Depois, a barcaça, preparada
para a viagem fatal,
mais tarde, deixando o pôrto,
silenciosamente, para não regressar.
Viu tudo isto e mais ainda
a desolação e tristeza
daquela pobre gente.

Quando anoitece, o São Francisco,
arrebentando de dor,
pergunta ao Rio das Velhas,
parando no Guaicuí,
como foi aquela história,
que êle não pôde entender?
Se chegaram os prisioneiros
à cidade de Sabará?
E por que Dona Maria da Cruz
não pôde mais voltar?

AMÔRES

Maria da Cruz está apaixonada e canta :

"Eu hoje stô cantano,
num pense quistô alegre.
Meu coração stá prêto
como a tinta qui escreve.

Ocê disse qui vai s'imbora,
bem podia mi levá;
eu num sô tão piquinina,
qui num pode carregá

O rio pra baxo corre,
pra riba num tem carrêra...
Dá lembrança meu benzim
na cidade de Barrêra.

Mandei fazê um relojo
duna bandinha de quejo,
pra contá os minuto
das horas qui num ti vejo.

Sete e sete são catorze
com mais sete, vinte e um;
soletra quem sabe a lê
a paixão de cada um.

De lá do céu caiu um livro
de tão alto, desfoiô.
Quem quisé casá cumigo,
vai pedí quem me criô.

Baxa, baxa, limoêro,
qui eu quero tirá um limão,
pra tirá uma noida
qui tenho no coração.

Eu perdi minha agüínha
na tocêra de café.
Agora, comé qui costuro
a camisa do José ?

Onte fui na fonte,
cumigo levei um balde;
num é sêde, num é nada,
é sôdade de Osvalde.

Laranjêra cai as fôia,
nas água, torna a brotá;
minino sigura o pé,
se não, eu vô te deixá.

Meu benzim é cumo
a fulô da laranjêra;
nas sêca e nas água
é a fulô qui mais chêra.

Ai! meu p[illegible]dô,
pinta aqui, pinta acolá,
pinta na casca do ôvo,
no caroço do juá.

Acolá eivém um home
cum chapéu de ventania,
larga as muié dos ôto
e percura tua famía.

Muié veia condo morre,
entra no céu de travessa,
moça feia pra casá,
percisa fazê premessa.

Condo era meu amô,
eu sartava moita dispim;
agora pago bem caro,
pra num vê o teu fucim.

Meu benzim num é êste,
nem aquêle qui ali vem;
êle stá de rôpa branca,
num mistura cum ninguém.

Minino de carça branca
pintada de abecê,
no dia qui num ti vejo
nem água posso bebê.

Minino dos ôio prêto
num óia pra mim chorano;
tu pensa que num ti quero,
contigo tô namorano.

Inda onte, foi que sube,
o canoêro me falô :
qui a fumaça do cigarro
cura inté paixão damô.

Sapatim qui carcei,
no munturo já dexei;
num m'importa qui ôto goze,
dum amô qui já gozei.

Eu num sô casa caída,
nem parede derrubada;
eu num sô chá de canela,
pra curá cabeça inchada.

Ocê diz qui me qué bem,
é mintira, num qué não;
quem qué bem, chega pra perto,
diz adeus, pega na mão.

A garça cum bico n'água,
pode ficá corenta dia;
eu longe de meu benzim
num posso tá nem um dia.

O sol eivém saino,
vermêio como botão;
tristeza pros camarada,
aligria pro patrão.

Em riba daquele morro
tem um banquim d'areia,
onde senta o arenguêro
pra falá da vida aêia.

Bate, bate sapatim
na tenda do sapatêro;
assim bate meu zoim,
condo vê rapais sortêro.

Mandei fazê um vistido
de vinte e cinco babado,
o dia que eu visto êle,
são vinte e cinco namorado.

Em cima daquele morro
tem uma fita avoano,
num é fita, num é nada,
é meu bem quistá chamano.

Baxa, baxa serrania,
qui eu quero vê a cidade,
meu benzim aqui tão perto
e eu morreno de sôdade.

Abalei um pé de rosa
qui nunca boi abalado,
namorei um rapazim
qui nunca foi namorado.

Lá vai a garça voano,
baxa aqui, baxa além,
à percura de amô firme,
qui nesta terra num tem.

Minina de dente pôde
tira êle e joga fora,
aminhã vô pra Son Palo,
trago ôto pra sinhora.

A fôia da bananêra
pingô treis pingo de ôro;
da famía daquela gente,
é só um, qui é meu namôro.

Men benzim tá na jinela
tomano café com quêjo,
tira o lenço, alimpa a bôca,
qui quero ti dá um bêjo.

Quem quizé qui eu vá a vorte
manda varrê a estrada,
pra catá pedra miúda,
sereno da madrugada.

As minina da cidade
passa fome pro que qué,
tanto côco macaúba,
tanto buriti no pé.

Em riba daquele morro
corre água sem chovê;
as minina de hoje em dia
namora sem cunhecê.

Vai descendo rua abaxo,
se achá um lenço é meu,
e um botão de rosa branca,
foi o ingrato qui mi deu.

Eu tenho meu baúzim
todo cheio de rôpa fina;
eu cunheço meu benzim
pelo sarto da butina.

Num si corta bananêra
sem o cacho tá de vêis;
tu me ama cum firmeza,
ou mi larga pr'uma vêis.

Vô desceno córgo abaxo
seguro na gamelêra;
meu benzim levo nos braço,
minha sogra na colêra.

Se vancê fô lá pra riba,
dá uma pancada no sino;
dá um bêjo no meu benzim,
nem qui'steja êle drumino.

Alicrim da bêra dágua
num se corta cum machado,
só se corta cum canivete,
do bôrso do namorado.

Quem quisé me dá laranja,
me dá da banda madura,
quistô d'amô novo
e num posso cumê verdura.

A fôia da bananêra,
de tão verde, amarelô;
a boquinha de meu bem
de tão doce açucarô.

La vai a garça voano,
cum as penas de ôro em pó;
eu brinco cum todo mundo,
mas gosto de vancê só.

Cigarrim de papé,
fumo verde num chumega.
O dia qui não te vejo,
meu coração num sossega.

As estrêlas do céu corre,
eu também vô corrê;
ocê corre atrás da lua,
eu atrás do bem-querê.

Ocê diz que sabe tudo,
mas não sabe o qui dizê;
contos pexe tem no má,
quero vê vancê sabê.

Limoêro piquinino
carregado de limão;
eu também sô piquinino,
carregado de paxão.

Alicrim da bêra dagua,
condo sêco, chêra mais;
à mãe do moço eu quero bem,
mas o moço, eu quero mais.

A fôia da bananêra
de tão grande rastô no chão;
quem tivé sa língua grande,
faça dela currião.

Meu benzim de terno branco,
mi diga conto custô;
qui quero iscrevê meu nome
no retáio qui sobrô.

O ané qu'ocê mi deu
era vige, já quebrô;
o amô qu'ocê mi tinha,
era pôco, já cabô.

Canarim sofreu,
onde foi tu morá ?
— Fui morar no rio,
nas onda do má.

Eu joguei o limão pra cima,
caiu êle na sancristia;
deu no cravo, deu na rosa,
deu no roxo qui ô queria.

Em cima daquela serra
tem cantêro de cebola.
Os moço d'hoje em dia
veste carça sem cerôla.

Panelinha d'água fria,
quem te pôs na pratelêra ?
foi as mão de meu benzim,
qui chega segunda-fêra.

A batata condo nasce
espaia ramas no chão;
minha mãe condo drôme,
pôe a mão no coração."

Cessa o canto. Pára a viola.
Silêncio ...
Maria da Cruz vai dormir um pouco
e talvez sonhar.

SONHO

O São Francisco está dormindo
no leito úmido e macio.
Nem uma fôlha acordada.
Tudo parado em redor.
O rio está cansado,
viajou o dia inteiro,
percorrendo cinco Estados
dêsse maravilhoso país.
Agora, sonha feliz
com as pedras de baixo,
de que êle sempre gostou.
Vê os escravos na labuta
dos engenhos e construções.
Meninos cantando nas escolas
abertas o dia todo,
e, mais tarde, no recreio,
jogando pedras nos telhados.

Ouviu, no sonho, uma cantiga
vinda lá da Casa-Grande,
como sempre,
cheia de gente:
"Minina, minha minina,
cherosa frô do sertão,
de dia, trago nos oio,
de noite, no coração".
Depois, a igreja florida
com o muro em derredor.
E, na multidão movimentada
de índios civilizados
e pobres negros cativos,
viu o São Francisco, majestosa e serena,
a figura dominadora
de Dona Maria da Cruz.
Alta, extremamente simpática,
tipo de mulher romana.

O sonho foi tão vivo,
tão real,
que o rio viu da fazendeira
as longas tranças caídas
nas costas,
começando a embranquecer.
Mas, em que época?
A data estava no muro,
escrita a carvão:
1736.
O São Francisco acordou,
abrindo os olhos líquidos,
e disparou a chorar.
Agora, sabe
— a experiência lhe ensinou —
que para poder viver,
neste mundo infeliz,
uma coisa é necessária:
conformar-se com o passado
e aceitar o presente.

ÍNDICE

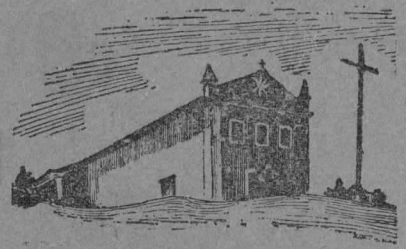
	Pág.
Prefácio	5
Maria da Cruz	9
A escola em casa alugada	11
Maria da Cruz fica à beira do São Francisco	13
No alto, a igreja velha e bonita	15
Pouca gente, é verdade	17
O boi de carro	19
As casas	22
O cemitério	23
8 de setembro	25
A travessia	27
Campo santo	31
O umbuzeiro	34
O ninho abandonado	36
As lendas	39
As superstições	41
O vapor	43
A escola antiga	45

	Págs.
Manhã	47
Meio-dia	49
Noite	50
O chôro dos bois	52
O reis-de-caixa	54
O reis-do-boi	56
Eleição	60
A morte do lavrador	62
Pompiê-Pompiá	64
Sexta-feira da Paixão	68
A maleita	70
Januária	72
São João	77
São Pedro	79
Dinheiro enterrado	81
Crime de morte	83
Assombrações	85
A promessa	87
A sêca	89
A morte da "Esperança"	92
A enchente	97
O cavaleiro sinistro	98
O Itapiraçaba	100
O destino da fôlha	102
A partida	104
Amôres	106
Sonho	136

IMPRENSA OFICIAL
Belo Horizonte — 1950

JOSÉ GONÇALVES DE SOUSA

MARIA DA CRUZ



MOVIMENTO EDITORIAL PANORAMA